



## A arte da VIII ReACT: meia volta e desvio

Catarina Morawska<sup>1</sup>

Ion Fernández de las Heras<sup>2</sup>

Inspirada pelo tema da VIII ReACT, a arte do evento se fez a partir de um experimento imagético: uma série de 7 composições que buscaram colonizar paisagens de artistas europeus dos séculos XVII a XIX. O procedimento proposto por Ion Fernandez de las Heras foi o rearranjo de pinturas de Frans Post (1610-1680) com o rio de lama do desastre de Mariana (figura 1), de Friedrich Georg Weitsch (1758-1828) com o linhão de Tucuruí (figura 2), de Jacob Philip Hackert (1737-1807) com a hidrelétrica de Belo Monte (figura 3), de Johan Lundbye (1818-1848) com a escavadora Bagger 255 em uma mina de lignite (figura 4), de Johan Hendrik Weissenbruch (1824-1903) com uma usina nuclear ao lado de um moinho de vento holandês (figura 5), de John Glover (1767-1849) com o transatlântico Harmony of the Seas ancorado no Kangaroo Point do século XIX (figura 6) e de Henry Chamberlain (1796-1844) com plataformas petrolíferas no Mar da Noruega transpostas para o Rio de Janeiro também do século XIX (figura 7).

Trata-se de uma proposta irreverente —um *détournement* situacionista— que teve como intuito criar estranheza ao juntar dois mundos ou escalas que não deveriam se integrar. No caso da pintura de Hackert, por exemplo, a colonização técnica contemporânea do território amazônico se infiltra de um modo quase imperceptível numa típica e aprazível paisagem do campo europeu do sec. XVIII. —O que aconteceria se Belo Monte se representasse como se fosse... "bela"?— O objetivo é criar um pequeno conflito mental: enquanto os olhos observam a composição de um modo estético (desestimando o conflito formal entre o fundo naturalista e o corpo estranho), o intelecto reage ao perceber a aberração que isso supõe. Trata-se da procura desse fenômeno que a psicologia chamou de “cognição multiestável”, na qual —como na famosa *ilusão pato-coelho*— a imagem é ambígua ou reversível; em outras palavras, a figura é simultaneamente meio de duas percepções paralelas e incompatíveis, não sintetizáveis.

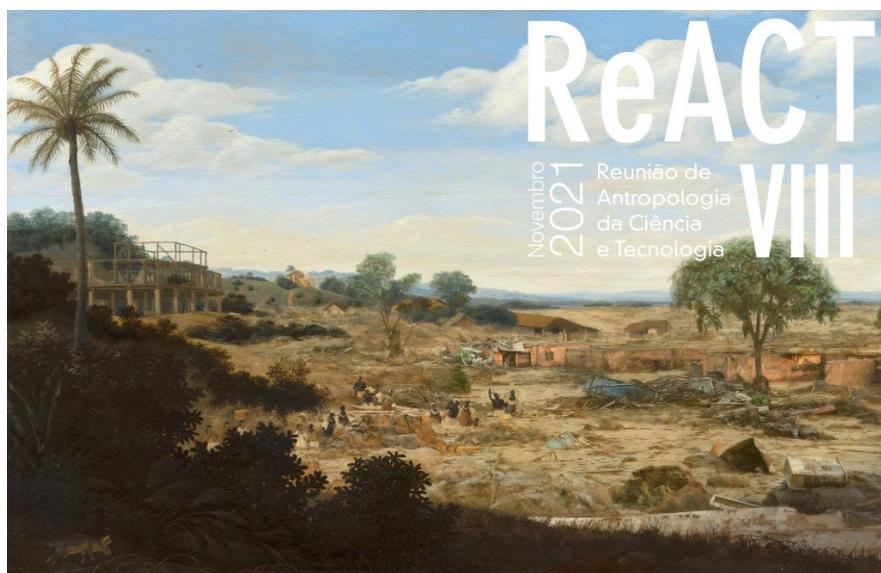
---

<sup>1</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

<sup>2</sup> Doutor em Antropologia pela Universidad Complutense de Madrid (UCM).

Ao justapor imagens e misturá-las formando um todo harmônico, a ironia se revela: o olhar europeu-naturalista contempla um monstro de concreto nascido da aliança entre Ciência, Estado e Capital que barra a água na Volta Grande do rio Xingu. O *détournement* inaugura, assim, uma espécie de instalação crítica da qual dificilmente se passa incólume. É impossível mesmo não reagir conceitual e afetivamente à imagem dos naturalistas Alexander Von Humboldt e Aimé Bonpland no Monte Chimborazo, cercados de instrumentos técnicos que dissecam animais, plantas e povos e, por trás, o Linhão de Tucuruí que atravessa territórios indígenas para chegar a Macapá e Manaus. Da composição emerge uma imagem que rearticula tempos, como se os naturalistas outorgassem aos índios o terrível futuro que o Ocidente lhes criou. Como no poema-música de Chicho Sánchez Ferlosio e Agustín García Calvo, “A Contratiempo”, em que Chicho canta para os barcos de Colombo, chamando-os para dar meia volta e tentando convencê-los, por meio da descrição das devastações a que nos acostumamos, de que o mundo que vão criar, "seria melhor não vê-lo".

Seria melhor não ver o rompimento de tantas barragens de mineração, o rio de lama que abre caminhos de Mariana ao oceano Atlântico, o soterramento de centenas de pessoas, em sua maioria trabalhadores e famílias negras rurais. Mas juntar mundos e escalas para rearticular passados, presentes, futuros e nos fazer ver o mundo devastado carrega em si uma potência, não da meia-volta, mas do desvio. A crítica ao capitalismo tecnocientífico que a VIII ReACT nos convida não se faz como mero exercício desconstrutivista, mas como uma forma de imaginação que preconiza lutas imanentistas e moleculares.



**Figura 1** Rearranjo da pintura de Frans Post, “Paisagem brasileira com uma casa em construção” (cerca de 1655-1660), com imagens do rompimento de barragem em Mariana, Minas Gerais (2015)



**Figura 2** Rearranjo da pintura de Friedrich Georg Weitsch, “Alexander von Humboldt e Aimée Bonpland no vulcão Chimborazo” (1806), com imagem do linhão de Tucuruí (Manaus-Boa Vista)



**Figura 3** Rearranjo da pintura de Jacob Philipp Hacker, “Paisagem com vista do Palácio de Caserta e Vesúvio” (1793), com imagem da represa de Belo Monte (Pará)



**Figura 4** Rearranjo da pintura de Johan Lundbye, “Paisagem de Zelândia. Vista de Bjerresø Mark em direção a Vejrhøj e Dragsholm Manor” (1840) com imagem da escavadora Bagger 255 na Mina de lignite de Garzweiler (Renânia)



**Figura 5** Rearranjo da pintura de Johan Hendrik Weissenbruch, “Paisagem com moinho de vento perto de Schiedam” (1873) com imagem da Usina Nuclear Bellefonte (Alabama)



**Figura 6** Rearranjo da pintura de John Glover, “Monte Wellington e Hobart Town desde Kangaroo Point” (1834), com imagem do Transatlântico Harmony of the Seas



**Figura 7** Rearranjo da pintura de Henry Chamberlain, “Ponta do Calabouço, Vista da Glória” (1821), com imagem de plataformas petrolíferas em Norskehavet (Mar da Noruega)